



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 425 — Preço 1800
25 DE JUNHO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA.
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

É amanhã a partida. Vai afluorando com insistência crescente a angústia de partir.

Bem sabemos que tudo fica entregue — e em que mãos, bendito seja Deus! Mas a saudade antecipava-se à separação — e já vemos como que de longe, em imaginação, a nossa aldeia, as nossas casas, a nossa quinta, agora tão formosa, que mais parece um jardim. Sobre tudo, os nossos rapazes parecem-nos tão certinhos no seu

Por outro lado há o alvoroço de ir rever caras e estreitar corações familiares. De ir conhecer aquele Portugal distante que guarda em si a grande promessa de suficiência para o Povo deste querido cantinho ocidental do Velho Mundo.

Neste ponto irrompe uma alegria esperançosa de podermos, talvez, servir dois amores, contribuindo para o bem da Pátria com o bem dos nos-

O homem não é corpo; é alma. Ninguém o classifica pelas qualidades materiais, mas sim pelas morais. Ora a alma não se transforma porque é espírito e só a matéria se muda. Para onde vai então?? Se v. a não conhece, nem a sua, nem a de ninguém, como

FACETAS DE UMA VIDA

tudo nasce, frutifica e vivifica na melhor harmonia, sem o concurso de ninguém. Só o homem procura, anseia, ambiciona, deseja, não se conforma com as fortunas, aborrece os ideais. Também observo que tudo se acomoda nos seus lugares, ajusta-se no seu elemento e em tudo reina um perfeito equilíbrio. Só o homem sofre grandes disparidades, tocando as raías da sorte. E que concluo eu?? No primeiro lugar que não sou desta vida e que outra me espera, a eterna, onde a minha alma repousará saciada e feliz, se nesta fôr fiel aos mandados de Deus. Em segundo lugar que o perfeito nivelamento e equilíbrio da sorte do homem se estabelece depois da morte, se contudo soube usar da vida terrena conforme os dictames de uma consciência delicada. Não vejo outro privilégio da razão dada ao homem sobre o simples instinto do animal a não ser o de que estes foram criados para nós e nós para Deus. Se considerasse a minha vida terrena e caduca como a dos irracionais, levá-la-ia a chorar a desdita de não ter sido feito um leão das selvas ou uma ave dos

continua na página dois

ÁFRICA

caminhar, que o cansaço provocado pelos desvios de alguns, que ainda há poucos dias nos apoquentava, dissipou-se e deixou mais forte o desejo de ficar do que de partir. Que filtros misteriosos os do coração humano!

Também, a porção de aventura com que havemos de deparar durante estes dois meses de ausência nos fazem estremecer de leve. Como irá correr a nossa viagem? Como se desenvolverá o nosso programa, só mui genericamente planificado à data da partida?

os rapazes.

Ainda ontem os olhos marejados de um grande Amigo, me confirmavam esta esperança, já realidade incipiente, enquanto os seus lábios confessavam o seu contentamento pela tão reveladora carta do Teles, publicada no número derradeiro: «Se por lá tivéssemos muitos portugueses assim...»

E já hoje aqui temos outra carta de outro nosso, o António Prata, a suavizar a dor da saudade e a vestir de certeza o que há de aventura nesta nossa viagem.

★

«Querido Padre Carlos:

Desejo do coração que esta o encontre de perfeita saúde, na companhia de todo o nosso mundo, que todos os meus bem graças a Deus.

Foi com grande alegria que recebi as suas boas notícias de 31 passado, e segundo as mesmas, apressome-me a responder, afim destas chegarem em tempo antes da grande missão que vai iniciar por terras de Angola e Moçambique.

Conforme é do seu conhecimento, ansiava saber que o dia 16 do corrente é o destinado para a grande viagem. Já começava a pensar que a TAP nunca mais se resolvia, o que afinal nunca acreditei, visto estar ali uma boa amizade antiga. Comigo pensaram todas aquelas pessoas que querem recados vivos de tudo que é nosso.

O António Teles pediu detalhes para orientar toda aquela gente do Luabo e arredores em distância, tudo quer saber como é. O que tenho a dizer já o comuniquei no dia seguinte à recepção das suas notícias. A estas horas já tudo ferve por aquelas bandas. Conto com o Teles na Beira para ele saber os projectos daqui.

Embora ainda a festa esteja longe, tudo está a postos em todos os sentidos, aqui na Beira tudo é nosso, não existem cenários, assim é melhor porque é verdade.

Alguém pede que traga a Capa do nosso querido Pai Américo, ela deixou muitas saudades, os pais falaram dela aos filhos e estes hoje sentem desejo de a beijar.

Tudo deve ser motivo de alegria e pranto quando a nossa festa tiver início, Deus assim o quer onde a nossa gente esteja, porque fomos dotados do nada e criamos espanto.

continua na página dois



Ti Maria Mocha, eles, os cães, os gatos, o Pai no meio, a alegria no coração de todos. Almas cheias da bela essência do Amor! Os «filhos de Ninguém» a falar ao mundo!

quer saber o seu fim? Curve-se. A razão do homem é limitada às coisas humanas e visíveis e é por isso que os verdadeiros e sinceros sábios são pequenos, humildes, sabendo que não sabem nada e fugindo como toda a gente sensata para o tal ponto indefinido, infinito e incompreensível. Mas agora v. vem e diz: Mas eu não tenho alma; tenho vontade, razão e sentimentos, todo o sistema nervoso com que nasci; sou um animal superior, racional. Triste discernimento!! Era também o meu, porém agora por mercê de Deus noto a razão desta sem razão e quero que pondere o caso comigo. Já sabemos que a obra da natureza não é espontânea nem filha do acaso. Por alguma razão e para algum fim foi dado instinto aos irracionais e razão ao homem. Esta é sem dúvida um privilégio que nos distingue daqueles, dando-nos completo domínio sobre eles e admitindo o de Deus sobre nós. No espírito em que hoje vejo as coisas, observo que na Natureza

AZEITE



HEGOU o dia de pagar as contas. A da mercearia ia por aí fora! Vamos à procura do extraordinário e onde estava ele? No azeite, no azeitinho que dá sabor e substância ao caldo mais às batatas.

Ora neste tempo de saladas — que de tão preciosas à alimentação dos rapazes, Padre Manuel cuida com especial fervor! — neste tempo, dizia, a conta do azeite vai por aí fora. Com muito, muito

equilíbrio são os 200 litros por mês. E se a Senhora está menos atenta aos cozinheiros nem os 200 chegam. Só a sopa são 200 litros dela em cada dia. Vejam os Senhores!

Ora o azeite anda por 15\$00. Façam as contas e lá temos nós a respeitável soma de 3 contos.

O nosso olival é pequeno e nem estas terras são de azeite. A falta de um olival em sítio dele, nós precisávamos que mais pessoas tivessem a lembrança que há três anos acudiu a uma Senhora de Tabuço: Nem mais nem menos que uma pipa de azeite!

Uma pipa é muito! Mas se fossem muitos produtores com um décimo de pipa, aí aliviávamos nós o orçamento sem restringir em nada a cultura saladística da nossa horta, a bem da vitaminação dos rapazes.

Espera-se que os senhores atentem, atendam e mandem recado.

Belém

Desta vez, amigos leitores, um feixe de notícias fresquinhas:

O número das «belenitas» acaba de subir a 20. Esta última veio da Covilhã. A mãe, com quem vivia, morreu no hospital, vitimada por um cancro, e a pequena ficou só no mundo. Foi provisoriamente recolhida por uma família daquela cidade, que a limpou, lhe curou as feridas e a alimentou e tonificou, por espaço de um mês. Teve sorte, a nossa Fernanda pois encontrou tudo aquilo de que precisava — cuidados dum bom médico e carinhos de mãe.

E logo que foi possível recebê-la em «Belém», aí veio o fe-

liz casal trazê-la no seu carro. Feliz casal, sim! Se todos se convencessem de que só se é verdadeiramente feliz na medida em que contribuimos para a felicidade do próximo, quantas feridas morais e físicas seriam curadas a tempo, isto é, antes de se tornarem crônicas!

Hão-de talvez alguns leitores ficar com a curiosidade de saber como arranjei lugar para mais uma, depois de ter dito tantas vezes que era impossível receber mais crianças. Eu não arranjei lugar para mais uma, que o espaço vital dum casa é sempre limitado. Para esta ser recebida já, visto tratar-se de um caso de

extrema necessidade, foi preciso meter duas na mesma cama, solução que só pode aceitar-se como transitória. Mas não se trata só da falta de espaço para camas, porque a respeito de panelas e tachos estamos na mesma. Andam já cheias, a transbordar, para podermos fartar as 20. E, se aumento as panelas, não cabem no fogão. Se aumento o fogão, não cabe na cozinha... Chegámos ao limite máximo! Daqui por diante, quem nos acode? Precisamos dum quinta e se esta tivesse já casa onde se pudesse ir até às 50, melhor! Assim andariam as coisas mais depressa. Porém, para esta primeira ampliação da Obra, era de grande conveniência que a dita ficasse perto de Viseu. Seria a transição mais fácil e o esforço menos penoso.

A Obra é de Deus e eu estou certa que Ele nos mandará a quinta, quando estivermos aptas a fazer render uma tal dádiva. Porque todo o servo terá que dar contas ao Senhor dos talentos que lhe coloque nas mãos, como diz o Evangelho.

Para já, aí temos uma solução de transição. Um casal amigo de «Belém» acaba de pôr à disposição da Obra uma casa de habitação situada à entrada da estrada de Vildemoínhos e muito perto desta. Vamos lá colocar os nossos três «pintaínhos» e mais alguns que têm estado à espera de um lugar em «Belém». Assim ficará «Belém» com uma creche em tamanho reduzido, pois não caberão mais que 12. Mas, enfim, o número das belenitas subirá a 30. Qualquer dia daremos a fotografia do «ninho» que é airoso e bonito, e também mais notícias.

Aí têm os leitores uma fotografia alusiva à história verdadeira da galinha e da perua branca, que foi publicada no número anterior. Por ela poderão verificar que se tratava dum verdadeira perua e não dum *perna branca*, como saiu no Jornal. Enfim, ossos do ofício, mas desta vez se ia tornando a história dos pintaínhos numa história de galhas.

Peço muita desculpa aos senhores por ainda desta vez não dar a nota das presenças à Obra, mas... também o espaço no «Gaiato» é limitado.

A nossa vida terrena, com todas as suas actividades, decorre sempre dentro de espaços limitados. O homem, para atingir o infinito, precisa de se ultrapassar a si próprio e entrar no plano sobrenatural em que participa da própria vida de Deus.

Dêmo-nos as mãos e subamos, para que possamos matar a nossa sede de infinito!

Inês — Belém — Viseu

Calvário

Hoje em dia fala-se muito. Todos levantam pregão e espalham sentenças. Ora, não há no mundo voz mais categorizada e autorizada, cujo clamor suplante em direito de primazia todos os demais, do que a do pobre abandonado e incurável. Quem mais no fundo da escala social?! Ninguém. E porque no mais baixo nível, ele tem o maior direito de trepar e dizer. Por isso calemos todos e oigamos o doente que sofre sem esperança de cura, sem amparo de amigos nem lugar entre os homens. Eles bradam: **Padre, arranque-me à miséria. Tome conta de mim. Dê-me cama para morrer como gente.**

Quem pode fechar os ouvidos e a alma a este grito? Nem as pedras lhe são insensíveis. Ele estala o peito de quem se debruça e dá com os olhos no irmão sofredor que o Senhor nos mostra. Tais doentes roubam o sono, desassossegam o espírito, perturbam a nossa paz. Eu não sou capaz de os deixar por lá, quando os vejo. E tu não sairás tranquilo do Calvário se aqui te achegares. Eles

perturbam-nos, repito. Eles inquietam-nos porque têm razão, e mais do que ninguém, em clamar por justiça.

Nunca conheceu o pai. Muito jovem ainda perde a mãe. Transita para o Porto, onde ganha o pão como jardineiro. Aos 60 anos cai doente. Hospitaliza-se. O mal, porém, é incurável. Em consequência e por força da lei, passados quatro dias, convidam-no a sair. O convite é acompanhado de grande preocupação em esconder ao paciente a gravidade do mal. Mas quem assim procede não cuida igualmente de saber se o pobre doente tem lugar próprio e digno para findar. Isso são contas de rosário alheio. E não possui. É barraca imunda de paredes meias com suínos o local onde o deparou, muito longe do conforto, que doença de semelhante natureza carece. Canero inoperável no estômago fá-lo passar horas de tortura lenta. Está diante de mim a contorcer-se com dores; a desejar, por meios ilícitos o termo final da vida. De quem a culpa desta má intenção? Os Pobres em abandono são gritos acusadores de grandes omissões. Em face de tanto sofrer não se pode ficar glacial. O doente vem para o Calvário.

E o clamor dos que sofrem injustiça anda por todos os quelhos.

Escurece. Na viela estreita vagueiam rumores vindos das baixas casas aglomeradas em duas alas paralelas. O cheiro que se exala diz-nos que a ilha se prepara para jantar. As apalpadelas descubro o número 40. Bato. Insisto. E não obtenho resposta. Vizinha do lado acode e diz-nos que sabe o segredo da porta. — **Olhe. Ele está pr'aqui como um suíno.** Entro à luz de vela que rompe as densas trevas. O soalho verga sob os meus pés. Tenho receio de avançar. A um canto o velhinho. Todo envolto em andrajos, o pobre octogenário ostenta miséria. Só e tolhido numa mansarda, aguarda carinhos. O mundo, porém, é esquecido.

Caso vulgar ao lado de tantos, que conhecemos. Mais uma ocasião para se cruzarem os braços alegando que a coisa é de impossível solução, porquanto a multidão dos pobres em miséria é incontável. Ai, quantos suínos pelo mundo, se não fora a Caridade de Cristo que operou e opera a maior **revolução** da história! Para quem atenta a dignidade humana, e mais ainda para o cristão consciente não existem casos vulgares. Nem podem existir. A força que dimana da dignidade alheia não nos permite sossegar em face do próximo que precisa de nós e que por nós chama. Não tapemos os ouvidos.

E naquela noite mais um antro ficou deserto e no Calvário mais uma cama ocupada.

Padre Baptista

Facetas de uma vida

Continuação da primeira página

bosques. Mas não, S., esta vida terrena é simplesmente uma preparação para a eterna. Assim nos ensina a razão, o bom senso e acima de tudo a fé, virtude que gera todas as outras.

Leia *Prosas Dispersas de Guerra Junqueiro*. Fale com peregrinos de Lurdes e leia sobre os acontecimentos sobrenaturais que todos os dias ali se dão, sendo concertiza o maior aquele

que pouco se nota: há 50 anos, milhões de pessoas de todo o mundo ali vêm trazidos pelo espírito da fé.

Quem me dera, meu caro S., que estas palavras caem na sua alma e quando vier ao Contendente falaremos com mais vagar, pois eu vou fazer os meus estudos no Seminário do Porto, para fugir ao Grego e Hebraico a que obrigam as constituições monásticas.

Américo de Aguiar

ÁFRICA

Alguém pede a Capa para se deleitar com a nossa maneira de ser. As heranças de pais são as mais gratas para qualquer filho. Ninguém desconhece que a Capa lhe foi entregue para toda a vida como herança. Sem dúvida que é muito pesada. Já o era no nosso querido Pai Américo. Heranças como a nossa Obra, só os escolhidos pelo dedo divino as podem guardar e defender.

Tudo estará certo de ver o que são recados vivos.

Nada faltará nesta festa, o Júlio a dizer como ele sabe, vai fazer estremecer com verdades sentidas. Ele representa o nosso irmão mais velho.

O nosso documentário será ele mesmo. Espanto.

As gravações sempre vivas do nosso querido Pai Américo estão cheias de sacrifícios, muitas lágrimas de dor os corações verterão, tudo será verdade continuada.

Querido Padre Carlos, todos estes braços estão abertos para o receber. Não é necessário dizer tudo o que sofre com a herança dessa Capa. Deus não lhe faltará nunca, enquanto arrastar a herança dos Pobres desprotegidos. Traga recados vivos, daqueles que dão paz aos corações, o resto é milagre da vontade divina.

Perdoe-me o tempo que lhe tirei, talvez o necessário para ir às oficinas espreitar. Perdoe-me pois.

Peço-lhe do coração que vá dando notícias, tudo que diga respeito à nossa festa em terras de África, oriente com pormenores, tudo será como disser, portanto assim o espero com ansiedade.

Faça voz das minhas saudades para todos, e peço que nas orações ao Sagrado Coração de Jesus não me esqueça. Saudades de nós dois e beijos do meu filho.

António Prata

★

Bendito seja Deus pelas dores que nos permite e pelas alegrias que nos dá.

Vamos (como é tudo quanto fazemos) *in nomine Domini*. Este Nome é a pedra fundamental da nossa Obra e a tomada de corrente de toda a nossa acção. Queríamos ir com a firmeza e a simplicidade dos Apóstolos depois do Pentecostes: não por nós, não para nós—mas para revelarmos aos homens o Dom Substancial de Deus que é Cristo Jesus, que todos nós crucificámos.

Sabemos que por África há quem assim entenda e deseje e por isso reze. Aqui, sob os nossos olhos pecadores, um pequenino monte de cartas faz-nos promessa igual: «As-

seguro-lhe as orações da nossa comunidade...»

«Ao partir para Fátima levo no coração todas as intenções unidas àquelas pelas quais o Senhor se deixou morrer na Cruz, mas no meio delas e sobre todas a nossa querida Obra da Rua, os seus Padres, Rapazes e Benfeitores...»

Dia 16, às 11 horas estou ao Altar, a celebrar por si; o meu Povo sabe; vai rezar também. Boa viagem.»

Por sobre a angústia de partir estabeleceu-se a Paz de Cristo, feita de luta e Esperança. O nosso coração está cheio, cheio.

Ah! se eu soubesse dar condignamente graças a Deus!..

OS TEARES

Voltaram a funcionar há dias, como já disséramos algures. Quem atravessa do Hospital para a banda das oficinas, logo ouve o matraquear de que Pai Américo gostava tanto.

Eu também gosto muito. E só o lembrar-me de que já não é preciso ir à loja por pano para lençóis, nem sarja para camisas e cuecas; e que já se pode atender a necessidade das outras casas — essa lembrança, só que fosse, já me daria o muito gosto daquele matraquear.

Mas ele há mais e melhor. É o Zéquita mai-lo Xico de Guimarães. É o Nicolau, ex-chefe da oficina, e actual afinador na Fábrica Salgueiros, que por aí aparece aos domingos a compor, a afinar, a ver se tudo corre bem neste novo arranque. É o Mestre da Fábrica de onde vêm as teias, santo homem e bom Amigo, que aí está sempre que preciso, cheio de boa vontade de ajudar a preparação dos nossos rapazes. E é a possibilidade de servir os nossos leitores que querem pano bom sem pintura postíca. Nós não temos engomadeira, nem branqueamento, nem nada desses apetrechos que dão aparência ao que não é. O nosso pano é o que mostra. E como nós o queremos bom para nosso uso, que é para lavar e durar, os Senhores podem ter a certeza de que vão bem servidos.

Por ora é pano de lençol e sarja, ambos com 70 cm. de largura. Após a tecelagem destas teias, será uma segunda remessa do mesmo pano. E vamos a ver se depois, experimentamos um cotim ou um riscado forte.

Agora um problema: Dado que um tear é automático, quer dizer que quando tudo corre bem, está o Xico atento ao tear automático e anda o Zéquita quase à boa vida.

Precisávamos, pois, de mais um tear. Nem interessava que fosse de grande produção, visto que se destinaria sobretudo a ocupar o rapaz. De resto, a oficina é escola, como todas as nossas oficinas, e queremos mandar para lá outros a aprender, mas temos de ter trabalho para lhes dar. Por isso me lembrei, até, de um tear manual para fazermos o nosso linho e seus derivados, mai-los tapetes e mantas feitas com os trapos que os «batatas» vão retalhando nos dias de chuva.

Em conclusão, portanto:
1 — As senhoras, sobretudo, se chama a atenção para os panos de boa qualidade produzidos na nossa Tecelagem.
2 — Aos senhores fabricantes de teares, se lembra a oportunidade de aliviarem o seu stock, enviando uma, ou mesmo duas unidades, para a nossa oficina.

Ordins, Rua Caridade, 16

Visita a esta Casa de Jesus Misericordioso, deixei o leitor no pequeno átrio de entrada, ao pé da Cruz, símbolo de Cristo que continua a viver entre nós, sofrendo na pessoa dos nossos irmãos. Já à esquerda, é o escritório, onde a senhora dos Pobres recebe Jesus Pobre. Ouvirá seus ais. Descobrirá suas dores, escondidas.

Chorará com os que choram. Procurará remediar seus males. É uma mãe que chora. «Sua filha tem de ser internada rapidamente num Hospital de crianças, doutro modo cegará». É outra mulher que, novamente, vai ser mãe. «Precisa de alimentação mais rica». Se cumpre o dever, embora seja tão pobre — o que para ela é uma glória do brada! — temos de cumprir o nosso, ajudando-a. O Serviço de Carne ajudará. Duas vezes por semana, a Senhora dos Pobres dar-lhe-á uma senha para o talho, não obstante já lá estarmos a dever 1.400\$ de senhas... Não se sabe donde ele virá. Mas não podemos, não obstante as dificuldades que atravessamos, fechar a porta a Jesus Pobre, que precisa de nós!

O escritório já tem sua secretária e cadeira, oferecidas. Vou canalizando tudo quanto

posso, para diminuir a dívida desta Casa. Ele «novelos». Ele acréscimos de chales e lãs que sobram dos ditos. Ele materiais de construção, que já não são precisos.

Um colega no sacerdócio pára e entra. Vê tudo e tome lá 100\$. Padre José Maria encontrou no Montepio metade para esta Casa e 20 para a Conferência, a que juntou 30 de sua devoção, para ter o gosto de somar 100\$.

Sr.^a estrangeira, portuguesa de coração, que tantas vezes tem auxiliado Ordins, ficou «absolutamente transtornada com a fonte da morte» — é a primeira leitora que se mostra horrorizada com aquilo a que Ordins se acostumou! — e envia 1.000\$ «dum trabalho feito por mim. Dê-lhe o destino que melhor lhe parecer».

continua na página quatro

Auto-construção

Na época presente fala-se muito em bom emprego do capital. O grande critério é o rendimento. O capital terá o melhor emprego na medida em que melhor rende no futuro. Nas coisas de assistência, no exercício da caridade, Auto-Construção será um óptimo emprego do capital. Vejamos as razões. Seja numa terra qualquer em Portugal.

Falemos a um rapaz pobre, mas trabalhador, na possibilidade de construir a sua própria casa. Para tanto não irá trabalhar só, mas na companhia de sete, de nove, de onze companheiros, mais ou menos nas mesmas condições que ele. Farão tantas casas quantos forem os do grupo.

Auto-Construção dará um auxílio-estímulo, por cada casa, logo que veja realmente as obras a andarem. Os rapazes ficam assim entre o pequenino cofre e as paredes.

— Bem nos custa, dirão uns tantos deles, bem nos custa, mas se quisermos aproveitar tal ajuda, temos de dar da nossa parte o que falta. Aqui está uma das características bem dominantes da Auto-Construção: Um trabalho de organização em primeiro lugar e um pequeno auxílio financeiro que se vão multiplicar em esforço, coragem, optimismo, em economia, em união de vontades até aí dispersas e a maior parte das vezes totalmente ineficazes em ordem à construção duma casa.

Aquele esforço organizador e também aquele dinheiro, que vão agir como isca, terão o condão de fazer aparecer um capital de quase cinquenta contos por casa. Cem casas, cinco mil contos, que faremos aparecer com umas escassas centenas de contos oferecidos com a condição daquele esforço de vontade, daquela economia e daquela união fraterna em ordem à obra comum. Con-

dições apenas estas: As casas terão condições de habitabilidade, segundo as normas dos serviços técnicos oficiais competentes e poderão servir para decentemente serem habitadas por uma família que é ou poderá vir a ser numerosa. Só estas condições em que, desde sempre e também agora somos intransigentes. Vistas as consequências próximas e remotas da vida em boas condições de habitação, avaliando bem o aperfeiçoamento humano de todos os auto-construtores, procurando avaliar justamente os efeitos previsíveis, fará ou não fará Auto-Construção um bom emprego de capital? Por cada cinco que nos dêem garantimos cinquenta, e, para além, rapazes mais homens amanhã. Quem não será tentado a responder?

Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira.

Padre Fonseca



Como estes que ontem fizeram, em comum, as suas próprias casas, muito mais hoje e muito mais amanhã, farão a mesma coisa. Não são indigentes, mas são todos pobres. Quem os quer ajudar, ajudando Auto-Construção?

BARREDO

A manhã de domingo foi para os Pobres. Começámos na capela de Fradelos, os nossos rapazes do Lar mais eu, em roda do altar. Precisamos de alimentar a Caridade com a virtude da Fé. Esta é a base. Bem sabemos que a nossa atitude diante do Pobre está dependente de um acto de Fé. É por esta razão que gostamos imenso de começar a visita aos Pobres, pelo encontro com o Pobre do Sacrário.

Há muito tempo que não tínhamos notícias da Ti Adorinda. E faz-nos tão bem o encontro com essa mulher forte que sempre que por ali passamos sentimos necessidade de entrar. Tem-lo dito nas nossas reuniões de Vicentinos, aqui em casa, que o bom vicentino, quando vai ter com o Pobre, embora se faça acompanhar da esmola, esteja preparado e convencido de que vai receber mais do que dar. Ora em casa da Ti Adorinda passa-se isto mesmo. É viúva. O marido, a quem se devotou com carinho sagrado, durante a doença, morreu, já lá vão dois anos. Viviam os dois sôzinhos. Realizaram plenamente o seu Matrimónio: doação de um ao outro e dos dois a Deus. Dizia-me ela, numa das horas aflitivas: — Abracei esta Cruz no dia do meu casamento e hei-de levá-la até ao fim. E levou. Mais ainda — levou-a com alegria. Pois, quem entra naquela casa, forrada com papéis, mas limpa e arejada, com uma janela voltada ao rio, há-de sair cheio daquela alegria, fruto de um coração puro.

A casa, onde moram os pais do nosso Marito, fica em caminho. Ele é tuberculoso pulmonar, de há muitos anos. Não ganha. Ela tem necessidade de cuidar da casa mais dos 4 filhos que tem junto de si, todos pequenitos ainda. Graças a Deus que vão encontrando, por ali perto, quem lhes deite a mão.

Fomos descendo as escadas do costume. Pelo caminho, encontramos a Rosinha da Ribeira, agarrada às muletas. Mais desabafos. Os Pobres têm necessidade de quem os ouça e compreenda. Eles esperam os vicentinos, não apenas com os olhos postos na senha que lhes dá direito a ir à mercearia buscar o pouco que lhes cabe, mas sim como Amigos com quem podem partilhar a sua vida. É ver a sofreguidão com que nos contam a sua história. Não se importam de repetir, já que para eles é sempre actual.

Habitados como estamos a percorrer aqueles lugares, não conseguimos, contudo, ficar insensíveis. Deus permita que aquelas casas velhas e sem condições de habitação sejam substituídas, em breve, por outras mais arejadas e aquecidas pela luz do sol, onde haja espaço suficiente.

Entramos no 56 da R. da Reboleira. Muitas vezes perguntamos como é possível viver em tais condições. Só à custa de muito heroísmo.

Padre Manuel António

30.000X20\$00 = 50 CASAS

Não, a Campanha não parou nem pára. Vai a fio de água em vez de torrente caudalosa... Deixá-lo! Nem mesmo assim se pode dizer que foi uma ideia perdida, embora muito longe da meta sonhada por quem a sugeriu. E era tão fácil!...

Mas vamos lá, que não desapareceram os vestígios de Comunhão dos Santos registados desde a primeira hora. Queluz envia dez vezes 20\$00.

Um sacerdote de Bragança a sua conta: «Que o amor com que dou supra a sua insignificância. O assinante 16.565 manda 100\$».

«É para pagamento de Janeiro a Maio, do ano em curso. Vou no segundo ano desta campanha.

É dado na intenção de quando eu chegar à ocasião de alugar uma casa (o que será daqui a poucos meses) Deus me depare a casa que melhor me convenha e a que eu deseje».

Assinantes pagam as suas assinaturas e mandam o excedente para a Campanha. E assinantes novos, que logo aderem a ela,

«pois só agora, ao ler o vosso jornal, aliás meu e de todos, é que tive conhecimento da Campanha; que todos contribuam».

Outro aproveita a época de desobriga e desobriga-se de muitos deveres, deste inclusivé: 50\$.

Outro junta 60\$ pró Calvário e 40\$ prá Campanha e acrescenta:

«Hoje é um dia feliz para mim por realizar o que desde há muito pensava fazer.

Tenho tido muitas provas, muitas alegrias, pecado muito, mas no momento crucial sempre encontrei Deus a meu lado. Que Ele continue a proteger a v/ Obra.

Assinante n.º 27.086»

Que beleza!

20 de uma que mandou outro tanto prá Casa de S. Carlos e mais pinhões e camisolas, no Natal.

Outra assinante manda 20\$ e este desabafo:

«Desta vez não me é possível associar ao movimento dos 20\$00 a mais por cada assinante para a construção de casas, que se a situação me permitisse o faria com muito gosto».

África com 40\$. Do Pico — Açores, 80\$+20\$ para os nove-los de lã de Ordins. «Nadária» manda três vezes 20\$, «de cada um dos componentes da família». Outra manda 40\$ e...

«Peço mil desculpas do atraso. Com grande ansiedade é esperado o vosso jornal e quando chega ao fim, com pena de se ter acabado».

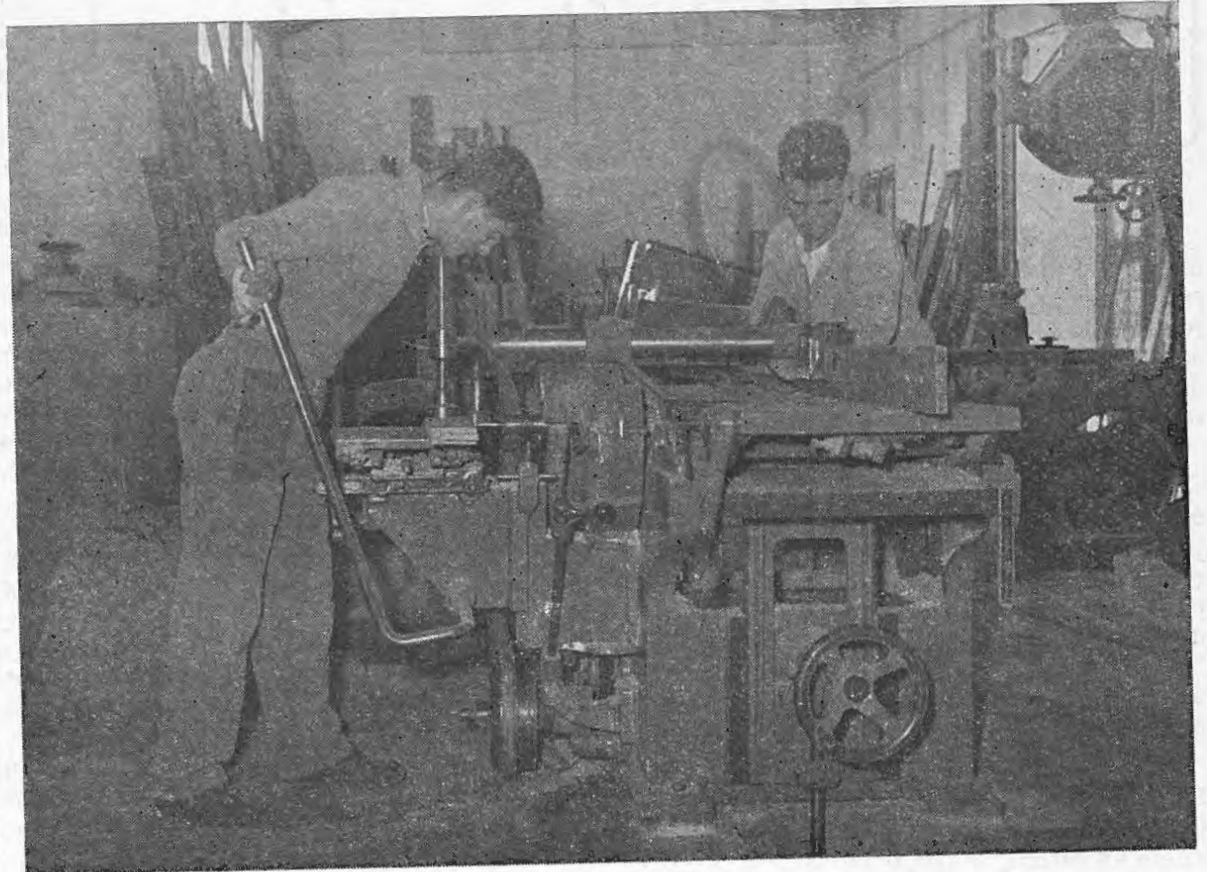
Mais um oficial da G. N. R. que não falha um só mês na Campanha e na «chuva de nove-los». «Uma alentejana», 100\$. Outro anónimo mensal com 40\$ por Abril e Maio.

E outra:

«Embora um pouco atrasada venho também concorrer para a Campanha 30.000X20\$=50 casas. Envio pois 100\$ para começar o ano de 1960 de Janeiro a Maio e de futuro enviarei 20\$ por mês pedindo a Deus o auxílio de poder enviar maiores quantias».

Mais uma queixa de si mesma:

«Já venho bastante atrasada



Tojal. As oficinas são a Oração mais Forte. O primeiro passo duma doce libertação!

com os 20\$ para a Campanha 30.000X20\$=50 casas. Sou a assinante 28.494. Não podia faltar, pois a certeza de que há pobres, meus irmãos em Cristo, que não têm uma casa onde se abrigar, faz doer o coração».

Um que se multa:

«Os 40\$00, que vão a mais, têm o seguinte destino: 20\$00, como multa, que a mim mesmo apliquei pelo facto de pagar a assinatura atrasada, e os outros 20\$00 destinam-se à rubrica 30.000 X 20\$00=50 casas».

E termino com uma carta que me parece ser de quem iniciou esta coluna:

«Junto envio 20\$ referentes à festa da Páscoa.

Peço a todos os assinantes que não se esqueçam de que todos devemos contribuir pelo menos pelas festas do Natal e da Páscoa e assim teríamos 100 casas por ano e, não custava muito.

Peço ao Snr. Padre Carlos uma oraçãozinha para que todos sejam mais generosos, principalmente aqueles que ainda não contribuíram e o podem fazer».

E pronto. Feitas as contas, desde a última vez vieram: 1.660\$00.

PELAS CASAS GAIATO

BEIRE

Escrevo para o nosso Jornal para vos contar como passei a Páscoa em Beire. Aquele lindo dia em que tudo está em festa, em que os sinos tocam, música e foguetes no ar anunciam que ali vem alguém. Mas quem era? Jesus pregado numa cruz nas mãos do Senhor Abade acompanhado com algumas pessoas. Tudo isto nos vinha trazer alegria a todos, pois deve ser o dia mais alegre do ano. Depois de todos beijarmos a Cruz fomos comer, onde na sala de jantar estava tudo modificado, tudo cheio de flores, as mesas todas unidas. A seguir demos graças e assentamo-nos à mesa onde graças a Deus não faltava nada. O tacho nesse dia era diferente dos outros: constava de arroz de forno e batatas assadas, peru assado, agriões, etc.. Em seguida veio a sobremesa que era creme, bolos e magnórios, etc.. E como todos nos sentimos bem quando a família está toda junta à mesa, a comida tem outro sabor, pois nesse dia estávamos todos juntos, até a Senhora D. Virgínia que costumava comer na cozinha. Nesse dia veio para o refeitório e mais uma Senhora de Ordins que veio passar a Páscoa a Beire junto de nós porque já é costume vir. No fim da refeição alguns dos nossos rapazes fizeram uma palestra a respeito da Páscoa e todos falaram muito bem. A seguir o Senhor P. Baptista também fez a sua palestra em que falou do amor dum pai para com um filho e por acaso foi mesmo de um rapaz que se encontrava junto de nós que era o Beja. A mãe morreu e ficou o pai com ele, mas como ainda era pequeno, quando ia para o trabalho para não ficar sozinho levava-o sempre com ele num cesto, punha-o às costas e aí vai ele. Estais a ver a amizade que um pai tem a um filho. Deus também é assim e ainda mais nosso Amigo porque o Seu Amor não tem fim.

No fim de tudo isto fomos para o campo da bola, onde todos jogaram. Mas caros leitores, é que nos faltam equipas para tirarmos grandes jogadores. Se por acaso houver alguém que queira fazer esse favor, os nossos jogadores, desde já agradecem.

Outra coisa que nos faz muita falta e que nós não temos era uma Televisão para entreter os rapazes aos domingos. Se tudo isto quiserem oferecer, todos os Gaiatos agradecem e que Deus lhes pague.

António Henriques (Sediolos)

LAR DE LISBOA

Venho por intermédio desta simples crónica, falar do Lar de Lisboa. Hoje fala um rapaz que já vai fazer dez anos de Obra e já teve ocasião de verificar as lidas da Casa do Gaiato do Tojal e do Lar de Lisboa.

Não vos venho falar de futebol, mas sim de problemas que nos interessam mais e que para vós trazem mais inquietação, venho portanto pedir.

A Casa do Gaiato do Tojal e o Lar de Lisboa precisam da vossa ajuda porque sem ela não podemos viver. No Lar do Gaiato de Lisboa surgem de momento a momento inúmeras dificuldades em alguns casos difíceis de resolver.

Nós vivemos de esmolas, se não houver mais amigos além daqueles que já o são e que nos ajudam continuamente, perto de cem rapazes vivem das vossas esmolas e sem elas não podem viver.

Se por acaso os nossos amáveis leitores tiverem em suas casas os pedidos acima referidos e que não lhes faça falta, mandem-nos mesmo que sejam velhos que para nós tudo nos é útil. REMETAM AO LAR DO GAIATO — RUA DOS NAVEGANTES 34 r/c — LISBOA. Desde já agradeço em nome de todos os Gaiatos antecipadamente com um muito obrigado, e não me deixem ficar mal.

Augusto M. Grilo Rodrigues

Amáveis leitores: Depois de uma ausência que fiz às minhas escrituras para o jornal «O Gaiato» volto novamente à presença dos leitores para lhes dar o conhecimento de duas simples coisas.

A primeira é: Já fomos beneficiados com onze pares de chuteiras novas, no princípio do mês de Junho. Segunda: Estas chuteiras já foram estreadas no primeiro domingo de Junho, contra o Tojal — «Gaiatos».

Como era de esperar dos tojalenses, cheirou-lhes a Taça e portanto é de ver que eles queriam, podiam e deviam ganhar, e ganharam, vitória bem merecida por 3-1.

O Tojal ganhou e está bem ganho, pois tão bem ganho está, que nós no final do jogo não tivemos remorsos de lhes entregar a Taça.

Os marcadores foram: pelo Tojal, Magalhães 1 e Cândido 2; pelo Lar, Manuel 1.

Agostinho Coelho (Lampreia)

Ordins

Continuação da página três

Tudo isto soma 9.814\$40. Há, agora, uma dívida de 24.589\$40. Se fosse sempre neste ritmo decrescente, dentro de poucas quinzenas, estaria tudo pago. E por que não?

Selos: «sempre que possa», uma Maria da Saudade, de S. Mamede aparecerá. Desta feita, foram 10 selos. Não sei donde, 15. Frei Simeão, em carta espumante, manda 16 duma Maria, jovem Professora Primária.

De «novelos», nada, por ora. Lá virão os arrependidos.

Do Hospital de Nazaré, vêm, uma vez mais, aos chales. Tolosa gostou e tornou. Lá foram dois para L. Marques. Luanda com um cheque de 1.000\$ veio por 10 deles. E o Instituto de Assistência à Família vem por 30. A assinante 3.939 pergunta tamanhos e preços. E eis tudo. Vales pagáveis em Paço de Sousa.

Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

Padre Aires



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES